

# O NORTE

do

# DISTRITO

## QUINZENÁRIO (de) FIGUEIRO DOS VINHOS



Avença

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

10 de Maio de 1971

Proprietário Dr. Ernesto Lacerda

Director: Dr. Joaquim Alves Tomás Mergado

Chefe da Redacção: Prof. A. Paula Santos

ANO XIX — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL - FIGUEIRO DOS VINHOS - TELEFONE 42307 — N.º 441

## AGRADECENDO...

Ao regressar da portentosa província de Moçambique, onde participámos nos trabalhos do II Colóquio Nacional de Municípios, que se realizou em Lourenço Marques de 14 a 23 de Abril último, é com muito gosto que cumprimos o grato dever de:

— Agradecer ao Ex.º Governador Civil de Leiria a honrosa indicação do nosso nome para sermos um dos representantes do nosso distrito naquele importante Congresso dos Municípios do Mundo Português, e à Vereação da Câmara do nosso concelho a pronta e entusiástica aquiescência àquela indicação;

— Agradecer aos Ex.ºs Presidente e Vereação da Câmara Municipal de Lourenço Marques todas as deferências que nos foram prodigalizadas, e que muito nos cativaram, felicitando-os pelo retumbante êxito da organização e conclusões do Colóquio;

— Agradecer aos Ex.ºs Governador do distrito de Moçambique, Presidente e Vereação da Câmara Municipal de Nampula, Corpos Directivos da Casa das Beiras, Comissão de recepção, Imprensa e Rádio daquela cidade, o acolhimento generoso e amabilíssimo que, todos, nos dispensaram na capital estratégica de Moçambique, fundada pelo nosso conterrâneo Major Neutel de Abreu, o que muito nos desvaneceu e honrou;

— Agradecer a todos os figueiroenses radicadas em Moçambique, que nos cumularam de atenções e imerecidas homenagens em Lourenço Marques, Beira, Nampula e em tantas outras localidades onde estivemos, com a afirmação de que muito apreciamos o seu acrisolado amor à Pátria e a este seu torrão Natal;

— Agradecer a todos quantos quiseram ter a amabilidade de estar à nossa chegada ao Aeroporto de Lisboa e que, depois, nesta Vila, nos vieram cumprimentar, gestos estes que muito nos surpreenderam e sensibilizaram, e, finalmente,

— Agradecer à Imprensa, local e regional, o apoio e relevo que deu à nossa deslocação.

A todos, portanto, o nosso MUITO OBRIGADO.

O Presidente da Câmara

## Abono de Família aos trabalhadores rurais

«Estamos vinculados por sentimentos filiais a uma grande Nação. Servimos o nosso credo, a nossa afirmação de fé, porque jogamos abertamente na compreensão entre os homens no entendimento entre todos os homens. E' esta a essência muito simples do nosso sistema corporativo, e é sobre tais pedras basilares que nós erguemos o edifício corporativo. Ele pressupõe uma ânsia—ia a dizer raivosa—de uma meridiana, clara justiça social», disse o ministro Rebelo de Sousa numa reunião recente, no Funchal. Afirmou mais adiante: «Podem imaginar quanto significativa de enorme alegria para mim o facto de presidir a este encontro. Homens de diferente condição, de diverso teor de vida, de variadas actividades profissionais, homens unidos pelo traço comum: de um entendimento fraterno, juntam-se aqui, servindo eu de pretexto. Eles nos dão a verdadeira representação deste distrito. E mais: dão-nos a visão mais larga da própria Nação que nós

somos. O grande objectivo que perseguimos outro não é senão o de alargar ainda mais esta imagem, na figuração do maior dos dilatados horizontes do nosso espaço nacional.»

«Vejo aqui — prosseguiu o ministro — a representação do nosso ideal de uma nação unida nos seus filhos, única neste sentimento fraterno visando em extraordinário clima de paz e de entendimento, buscando o progresso com afã, buscando a melhoria das condições de vida para o seu povo.»

Estas palavras de confiança no êxito das tarefas que incubem ao Estado Social Corporativo têm pleno cabimento numa altura em que se desenvolvem os maiores esforços para tornar extensivos a todas as camadas populacionais os benefícios da política social do regime.

No prosseguimento desse esforço foi agora determinado por despacho do dr. Silva Pinto, secretário de Estado do Trabalho e

A Página 3

## A viagem ao Ultramar Português

efectuada pelo Presidente da Câmara Municipal de Figueiro dos Vinhos, constituiu além do êxito no II Colóquio Nacional

dos Municípios espectacular jornada de amizade e vivificação patriótica

em amistosa convivência

Por largos anos, e que muitos sejam, os que sua excelência viver, jamais o Sr. Dr. Henrique Vaz Lacerda escurcerá as estrondosas ovações de que foi alvo e as palavras amigas de são portugesismo que lhe foram dirigidas por essas lusitanas terras de Lourenço Marques, Nampula, Beira, etc, e ainda na sua breve passagem por Luanda e Lobito.

Foram três semanas de contínuas e sempre gratas emoções que calaram bem profundamente no seu coração magnânimo de lídimo figueiroense e português de lei. Vinte e tal dias em co-munhão de sentimentos com essa generosa e operante comunidade figueiroense da África Portuguesa

No desejo de informar quanto possível os nossos leitores do que foi a viagem do Senhor Presidente da Câmara às províncias

de Moçambique e Angola, tivemos a honra de ser recebidos pelo distinto magistrado, após a sua chegada a esta vila, que ao mesmo tempo nos confiou gentilmente as suas impressões colhidas nos vários aspectos particulares e oficiais da auspiciosa digressão.

Nem tudo nos será possível publicar em um ou dois números do nosso jornal, o que faremos em datas de tiragem sucessivas a fim de ser o menos possível prejudicada a ligação dos factos narrados.

Antes porém, vamos começar por apresentar aqui uma compilação de várias notícias que por outros meios chegaram ao nosso conhecimento

### Recepção em Lourenço Marques

Começamos aqui por registar algumas palavras do discurso proferido no dia 21 de Abril pelo Senhor Sílvio Rosa dos Santos, gerente bancário, natural do lugar do Fató, freguesia de Aguda.

Não obedece o facto a qualquer preferência, a não ser aquela em que as suas próprias palavras auxiliam a nossa missão.

Disse o Sr. Sílvio dos Santos: «Quando há meses «O Norte do Distrito» nos trouxe a notícia de que V. Ex.ª estaria presente entre nós como representante pelo Distrito de Leiria ao II Colóquio Nacional dos Municípios, logo nos surgiu a ideia de paralelamente, organizar o I Colóquio regional dos municípios de Figueiro dos Vinhos aqui radicados.

A ideia foi-se avolumando e mais tarde recebemos uma circular dos Bombeiros Voluntários a pedir o auxílio para a compra de uma ambulância, o que constituiu mais um estímulo para a nossa determinação.

Assim se proporcionou esta confraternização de figueiroenses a que V. Ex.ª tão gentilmente se dignou assistir, e, porque reunião idêntica jamais se realizou em Lourenço Marques, ela ficará bem marcada no coração de todos nós que, em uníssono

audamos efusivamente V. Ex.ª, agradecendo reconhecidos a sua presença no meio de nós e desejando-lhe uma estadia agradável em terras de Moçambique.

V. Ex.ª personifica neste momento para todos nós, o nosso torrão natal, as nossas recordações de infância e os nossos familiares que lá vivem ou lá repousam na eternidade.»

E mais adiante afirmou: «Embora longe, também nunca deixamos de sentir os problemas do nosso concelho e sabemos quanto entusiasmo e dedicação V. Ex.ª tem dispensado à satisfatória urbanização da Vila e às mais prementes necessidades rurais de abastecimento de água, estradas e electrificação. Por isso em nome de um grande número de presentes, eu quero manifestar a V. Ex.ª a nossa esperança da breve concretização de um sonho de décadas, que é a ligação dos lugares do Cercal,»  
A Página 4

### «O Norte do Distrito»

No seu número de 20 de Abril, último, o nosso prezado colega «Castanheirense» que se publica em Castanheira de Pera, transcreveu, precedido de amáveis palavras, o artigo que aqui publicamos sob o título «O acidente espreita a vítima — Os Bombeiros não estão isentos». Agradecemos a gentileza.

### Ao Serviço da Pátria

Vitor Manuel Arinto  
Libório Marques

Regressou definitivamente da Ilha da Madeira, onde concluiu a sua comissão de serviço Militar, o nosso estimado conterrâneo Sr. Vitor Manuel Arinto Libório Marques, distinto oficial miliciano

Manuel Pires Teixeira

A sua casa, em Casalinho de Arega, regressou o brioso Soldado Sr. Manuel Pires Teixeira, após ter cumprido em Cabo Verde o seu serviço militar em missão de soberania.

# Higiene é saúde

Da Página 3

exclusão, é claro, daqueles que conspurcam a Calçada. Não podemos olvidar, também, que a vida dos componentes do grupo benemérito correu grave perigo quando a camioneta, desobedecendo aos travões, começou a deslizar, em louca corrida, pela íngreme Calçada. A sua salvação ficou a dever-se a milagre de Nossa Senhora, Mãe de Deus. Não sendo assim, como compreender que o sr. António Augusto do lugar do Chavelho, que, encontrando-se sobre o lixo já carregado na camioneta na tarefa de o arrumar com a forquilha que empunhava, não tivesse sido cuspidado e morto no choque violento contra uma das paredes laterais ou o pavimento da Calçada? Mas Nossa Senhora não operou, na sua quadra festiva, apenas aquele milagre. Operou outros: nos dias, imediatamente, anteriores e posteriores ao da sua Festa, o tempo de chuva e frio agreste parecia de verdadeiro Inverno. Pois o dia 11 de Outubro de 1970 amanheceu radioso e quente, permitindo que a Festa, em honra da Mãe de Deus, tivesse numerosa concorrência e os números programados para o ar livre se tivessem realizado com brilho e agrado.

A procissão que, percorrendo algumas das principais ruas da Vila com as janelas engalanadas por lindas e valiosas colchas e colgaduras, sob chuva de pétalas matizadas lançadas por mãos devotas de senhoras e meninas, teve a colaboração do Sol, que, qual imenso e esplendoroso cirio,

## Pagamento de Assinaturas

Procederam à regularização das suas assinaturas nos últimos dias, pessoalmente na nossa Redacção, ou por outras vias, os nossos prezados assinantes, cujos nomes damos a seguir, apresentando a todos os nossos sinceros agradecimentos.

Pelo Sr. Francisco Simões Abreu de Bairrão, a de seu filho Sr. Cassiano dos Santos Abreu, residente em Pretória, África do Sul; José da Conceição Manata, Coimbra; António Lourenço Tavares, Lisboa; Manuel Rosa, Figueiró dos Vinhos; José Duarte Prior, Sarzedas de S. Pedro; José Francisco Peneque, Enchecamas; Vasco Passos da Silva, Nampula; José de Abreu Fidalgo, Trafaria; Francisco Veiga, Ansião; Manuel Lopes, Salgueiro da Ribeira; Henrique Graça, Lisboa.

lhe iluminou o caminho, e a encorporação de grande massa de fiés respeitosa e unida de fé convicta e de corações ardendo de amor pela Mãe de Deus, obteve na sua encantadora e augusta simplicidade, uma certa imponência que, pelo materialismo da nossa época atómica e contestária, já vai caindo em desuso.

As procissões e outros actos religiosos, no tempo da minha infância, eram sempre grandiosos pela intensidade da fé e número de fiés que neles tomava parte. Nota se, actualmente, na Nossa Terra, que a juventude anda um pouco arredia destas manifestações relegiasas. Indiferença? Comodismo? Convencimento de que Deus lhe não é preciso? Eu voto pelo comodismo porque, sem Deus, nem os maiores ateus e pretensos demolidores da Igreja —Voltaire, Renan, Resseau, Junqueiro, e outros —puderam morrer sem ser abraçados à Cruz.

Eu sei, todos nós sabemos, que a Religião para viver, talvez não seja, pelos deveres a que nos obriga, muito cómoda mas, para morrer, ainda se não descobriu, até hoje, *boardão* mais firme a que a alma se possa amparar e nenhum ser humano pode, seja qual for a sua atitude perante qualquer religião, dispensar porque todos, sem excepção alguma, nasceram e nascem e nascerão com a etiqueta fixada pela Morte onde se lê: «E'S MEU».

E', para mim, ponto de fé que não existiu nem existe ser humano algum que, embora se levante nos bicos dos pés para, através de um amplificador de som, gritar em todas as direcções da rosa dos ventos, que não acredita na existência de Deus, seja cem por cento descrente porque o homem é, por natureza, um animal religioso. Tanto assim que o primeiro que nasceu e, portanto, sem que alguém o tivesse catequizado, sentiu automaticamente, a necessidade intravável de adorar um deus: o Sol, o fogo, um animal, (a vaca na Índia, por exemplo), uma planta, etc. E não podemos argumentar com a ignorância absoluta desse homem porque, actualmente, a ciência está desenvolvendo a solução deste problema: «Qual nasceu primeiro o ovo ou a galinha?» E descobri-la à algum dia? O que há são indivíduos que, por conveniências de qualquer natureza, se declaram e procedem como agnósticos mas que, no recanto mais esconso da alma, lá têm o altar erguido a

## Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos

Relatório da Gerência referente ao ano de 1970

### Caros Consócios:

Temos a honra de submeter à Vossa apreciação o Relatório de Gerência desta Associação, em referência ao ano de 1970, passando a tratar especificadamente os seguintes assuntos:

Contas:—Verifica-se que no pretérito ano as receitas atingiram o total de Esc. 157997\$80 e as despesas a de Esc. 11741\$90, pelo que se verifica um saldo positivo de Esc. 40255\$90.

Este saldo adicionado com o do ano anterior que era de Esc. 75 055\$10, atinge o total de Esc. 115 311\$00.

Comando e Corpo Activo:—O ano de 1970 foi de grande actividade e desgaste, tanto físico como material. A nossa Corporação, acorrendo a inúmeros focos de incêndio no Conselho e Região teve um comportamento esforçado e meritório, o que cumpre realçar.

É acto de justiça salientar e agradecer a revelante ajuda que, nos momentos críticos, nos foi dispensada pelas valorosas Corporações de Bombeiros da região e pelas populações das áreas sinistradas.

Parque de Viaturas:—Foi entregue e entrou ao serviço o auto-nevoeiro Mercedes-Benz, unidade de alta eficiência e de

linhas funcionais e modernas, que muito veio enriquecer o nosso Parque de Viaturas.

Por altura da sua chegada a esta vila, foi feita um peditério na vila e algumas povoações do Concelho que rendeu Escs: 38 547\$00.

Também entrou ao serviço um valioso auto-tanque, que, ofertado à Corporação pela SONAP, a quem endereço os nossos melhores agradecimentos, foi revisto e adaptado com o esforço do nosso 2.º Comandante, Ajudante, chefe e Bombeiros e alguns artistas particulares, que, todos, muito trabalharam para valorizar o Parque de Viaturas da Corporação. Ora a estes homens é devido uma palavra de viva simpatia e sincero agradecimento que aqui deixamos consignado.

Festa da Feira:—Preparadas com minucioso cuidado, apenas se realizou o espectáculo do dia 26, que decorreu com agrado geral; quanto ao dia 27 que era preenchido com artistas da rádio e TV, teve de

ser suspenso à última hora, por virtude do falecimento do Presidente Salazar. No entanto os artistas contratados com cativante simpatia e alta compreensão abstiveram-se de cobrar os seus cachets o que aqui se consigna, com o nosso melhor agradecimento.

Conclusão: Em face do exposto, esta Direcção tem a honra de propôr à Assembleia Geral:

- Que as contas do exercício sejam aprovadas;
- Que se consigne um voto de louvor ao Comando e Corpo Activo pela sua abnegada acção no ano de 1970,
- Que se consigne um voto de agradecimento à SONAP e elementos que trabalharam na adaptação do Auto-tanque
- Que se exare um voto de agradecimento à massa Associativa e Público do Concelho que contribuíram com os seus donativos para a aquisição do Auto-Nevoeiro, e
- Que se registre um voto de agradecimento à Imprensa Local, Regional e Nacional pelo incondicional apoio dado às nossas iniciativas.

A Direcção

## NÃO SE META EM AVENTURAS!

a máquina de costura

# OLIVA

não tem plásticos

Não esqueça minha senhora, que a **OLIVA**, porque é inteiramente de aço, dura e serve várias gerações, quaisquer que sejam as condições de trabalho

Não a confunda... pois a **OLIVA** não pretende fazer "FOGO DE VISTA", mas sim poder ser-lhe útil e durar mais

Quem possuir uma **OLIVA** só está descontente se quiser

A máquina **OLIVA** tem assistência permanente neste concelho na

## Ourivesaria Lourenço

Fogões OLIVA com forno a 1100\$00

Máquinas de escrever OLIVA a 1950\$00

TELEVISORES OLIVA

TUDO COM GARANTIA OLIVA

## Ourivesaria Lourenço

Telef. 42105

Figueiró dos Vinhos

## Especialidade Regional de Figueiró dos Vinhos

CONFITARIA



SANTALUZIA

O MELHOR PÃO DE LÓ

MARCA REGISTRADA N.º 10545

de A. C. Campos

Telefone: 42129

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Deus perante o qual a sua consciência, a ocultar e quase insensivelmente, vai rezar. Como explicar doutro modo a conversão de muitos dos grandes herejes, isto é, dos supostos grande hereges? O Dr. António José de Almeida, tribuno eloquente político bem intencionado e um dos maiores (se não o maior) paladinos que a implantação da República, em Portugal, teve, declarou na hora suprema da morte: «Morro cristão mas não católico». Dois amigos meus do tempo da minha juventude que se declaravam ateus e como tal actuavam, morreram na altura da pneumónica, um no Hospital Universitário de Coimbra e outro em sua casa, ajoelhados sobre os leitos mortuários e de mãos postas em oração gritando, aflitivamente, por Nossa Senhora de Fátima que os salvasse. Qual a causa dos seus gritos: o desejo do regresso à Vida? O medo da visão esquelética e terrífica da Morte que proventura, já estivessem deparando? O arrependimento da sua incredulidade que lhe estivesse já traçando, no campo da eternidade, uma estrada que não era a que desejavam seguir? Não sei. O que sei é que os meus Amigos manifestaram-na, na hora da morte, daquela maneira.

Conclui no próximo número  
José Rodrigues Dias

# CASAMENTOS

No dia 25 de Abril findo na Igreja de Fátima, e presidida pelo Rev. Padre Soeiro, teve lugar a cerimónia do enlace matrimonial da menina Maria de Fátima Oliveira, filha da Senhora D. Maria do Nascimento Oliveira, com o Senhor Marcolino da Conceição Lopes, filho da Sr.<sup>a</sup> D. Beatriz da Conceição Lopes e do Senhor António de Jesus Lopes.

O religioso acto foi apadrinhado pela Senhora D. Vicentina Maria Barreiros Duarte e seu irmão Senhor Domingos Manuel Barreiros Duarte; pela noiva, Sr.<sup>a</sup> D. Margarida Maria Violante de Almeida Lopes e seu marido Sr. Jorge Telhada Lopes, pelo noivo.

Após o casamento, foi servido um lauto almoço aos convidados, que teve lugar num Hotel da Cova de Iria.

Aos noivos que saíram em digressão pelo País desejamos um futuro muito feliz.

No dia 11 do mês de Abril último, realizou-se o casamento da menina Cesaltina Martins Caetano, filha da Senhora D. Maria Luísa Martins Caetano e do Senhor Eduardo da Silva Caetano, com o Senhor António Dias Caetano, filho da Senhora D. Maria da Silva Dias Caetano e do Senhor João Caetano.

Ao acto religioso que teve lugar na Igreja da Nossa Senhora do Carmo, nesta vila, presidiu o Rev.<sup>o</sup> arcebispo, Padre Belarmino Soeiro.

Apadrinharam a noiva a Senhora D. Almerinda da Conceição Vitorino Caetano e seu marido Senhor José da Conceição Caetano. O noivo foi apadrinhado pela Senhora D. Maria Dias Caetano Francisco e seu marido Senhor Manuel da Conceição Francisco.

Finda a cerimónia, foi oferecido aos convidados um lauto almoço no lugar de Aldeia Fundeira das Bairradas, em casa dos pais da noiva, e terra dos nubentes.

Desejamos ao jovem casal que fixa residência em Lisboa, muitas felicidades para o seu lar.

## Agradecimento

Manuel Ferreira, do lugar de Braçais freguesia de Arega, venho por este meio agradecer a todos os contreraneos que durante a minha visita à nossa freguesia tiveram a gentileza de me convidar a visitar as suas casas, àqueles a quem me foi possível aceitar essa oferta, como aos que por motivo de minha retirada inesperada não me foi possível.

A doença de minha esposa, obrigou-me a voltar a Lisboa mais cedo que o previsto, calculando agora embarcar para Luanda no dia 30 de Abril.

Assim me encontrarei ao dispor de todos amigos no Bairro Sarmiento Rodrigues Rua Luís Sambo, 95 Luanda ou no Restaurante Bar da Fina Av. General Carmona, 23 Luanda—Angola Lisboa 27 de Abril de 1971

a) Manuel Ferreira

No dia 25 de Abril último, realizou-se na Igreja do Carmo, nesta vila o casamento da menina Rosa Maria da Conceição, filha da Senhora D. Maria Rosa da Silva e do Senhor Manuel Paiva da Silva, já falecido com o Senhor José Silva Pereira, filho da Senhora D. Rosa Maria da Conceição Silva e do Senhor Isidro Gonçalves da Graça.

O acto religioso, presidido pelo Reverendo Padre Manuel da Silva Martins, foi apadrinhado do lado da noiva pela Senhora D. Maria José Pereira da Fonseca Frias Fernandes e seu marido Senhor Dr. Luis António Correia de Frias Henriques Fernandes. Pelo noivo foram padrinhos a Senhora D. Maria do Carmo Vieira Roda e seu marido Senhor Manuel da Silva Roda.

No Hotel Terrabela foi oferecido aos convidados um lauto almoço.

Aos noivos que depois da sua viagem de núpcias fixaram residência nesta vila, auguramos as maiores felicidades.

## Portugal também exporta

Um dos factos mais importantes para o equilíbrio orçamental de um país, é, indubitavelmente, o valor do saldo positivo ou negativo da sua balança comercial, o país que só comprasse e nada vendesse, não tardaria nas desagradáveis malhas da bancarrota.

A verdade é que Portugal, mercê de novas mentalidades ao serviço da Nação, vem, há alguns anos, a modificar a sua situação de comprador de tudo e mais alguma coisa, por vendedor de muitos artigos que há quarenta anos não sonharia vender.

De facto, já lá vai o tempo em que vendíamos umas caixas de vinho e umas toneladas de cortiça, ou mesmo umas caixas de conservas a quem fizesse o favor de nos impingir toda e qualquer sucata que lá por fóra estivesse a mais.

Seria difícil pensar, nos anos 30 ou 40, que em 1969 seríamos o exportador número um de tomate concentrado ou enlatado para o Canadá, no valor de quase 4 milhões de dólares; o segundo em sisal, com um honroso 3.º lugar nos aglomerados de cortiça.

Mais impressionante para nós é o facto de continuarmos a exportar para esse riquíssimo país, produtos manufacturados, tais como calçado, têxteis, moldes para plástico, tapetes e passadeiras, móveis, além dos clássicos, vinhos, queijos, aguardentes, chá, café, azeite etc. etc.

Portugal continuará pois a ser cada vez com mais incremência, um país exportador.

## Aceita Escritas

António da Conceição Campos  
(Inscrito na D. G. C. I.)

## Figueiró dos Vinhos

Telefone 42129

# Abono de Família

Da Págin 1

Previdência, e com efeitos a partir de 1 de Junho próximo, que o regime especial de abono de família nos meios rurais possa a ser extensivo aos arrendatários cultivadores directos e aos respectivos senhorios, que devem obrigatoriamente remeter à Caixa de Previdência e Abono de Família do respectivo distrito relação nominal dos seus arrendatários naquelas condições, até o dia 10 do mês seguinte ao da entrada em vigor do despacho ou da celebração dos novos arrendamentos posteriormente celebrados. Devem também os senhorios comunicar à mesma Caixa a cessação dos arrendamentos até ao dia 10 do mês seguinte àquele a que o respectivo contrato seja rescindido.

Desde a entrada em vigor do despacho, e enquanto vigorarem os contratos de arrendamento, compete aos Senhorios pagar à Caixa de Previdência a contribuição mensal de 87\$50 em relação a cada arrendatário, até 10 do mês seguinte àquele a que respeita a contribuição.

Quando, porém, a renda ou o rendimento colectável do prédio arrendado não excederem 10 000 \$00 anuais, facto que os senhorios comprovarão perante a Caixa, o quantitativo das contribuições mensais a pagar será inferior ao referido, de acordo com a tabela seguinte: Até 200\$00 de renda ou rendimento colectável, 1\$80; 201\$ a 400\$, 3\$50; 401 a 600, 5\$30; 601\$ a 800\$, 7\$00; 801\$ a 1 000\$, 8\$80; 1 001\$ a 1 200\$, 10\$50; 1 201\$ a 1 400\$, 12\$30; 1 401\$ a 1 600\$, 14\$00; 1 601\$ a 1 800\$, 15\$80; 1 801\$ a 2 000\$, 17\$50; 2 001\$ a 2 200\$, 19\$30; 2 201\$ a 2 400\$, 21\$00; 2 401\$ a 2 600\$, 22\$80; 2 601\$ a 2 800\$, 24\$50; 2 801\$ a 3 000\$, 26\$30; 3 001\$ a 3 200\$, 28\$00; 3 201\$ a 3 400\$, 29\$80; 3 401\$ a 3 600\$, 31\$50; 3 601\$ a 3 800\$, 33\$30; 3 801\$ a 4 000\$, 35\$00; 4 001\$ a 4 200\$, 36\$80; 4 201\$ a 4 400\$, 38\$50; 4 401\$ a 4 600\$, 40\$30; 4 601\$ a 4 800\$, 42\$00; 4 801\$ a 5 000\$, 43\$80; 5 001\$ a 5 200\$, 45\$50; 5 201\$ a 5 400\$, 47\$20; 5 401\$ a 5 600\$, 49\$00; 5 601\$ a 5 800\$, 50\$80; 5 801\$ a 6 000\$, 52\$50; 6 001\$ a 6 200\$, 54\$30; 6 201\$ a 6 400\$, 56\$00; 6 401\$ a 6 600\$, 57\$80; 6 601\$ a 6 800\$, 59\$50; 6 801\$ a 7 000\$, 61\$30; 7 001\$ a 7 200\$, 63\$00; 7 201\$ a 7 400\$, 64\$80; 7 401\$ a 7 600\$, 66\$50; 7 601\$ a 7 800\$, 68\$30; 7 801\$ a 8 000\$, 70\$00; 8 001\$ a 8 200\$, 71\$80; 8 201\$ a 8 400\$, 73\$50; 8 401\$ a 8 600\$, 75\$30; 8 601\$ a 8 800\$, 77\$00; 8 801\$ a 9 000\$, 78\$80; 9 001\$ a 9 200\$, 80\$50; 9 201\$ a 9 400\$, 82\$30; 9 401\$ a 9 600\$, 84\$00; 9 601\$ a 9 800\$, 85\$80; mais de 9 800\$, 87\$50.

Os arrendatários, cultivadores directos, no acto de requerimento de abono de família, indicarão os proprietários dos prédios, que exploram em regime de arrendamento anual e rendas respectivas, bem como outras fontes de rendimento existente além da exploração dos prédios arrendados.

Os abonos serão pagos aos arrendatários em conformidade com o número de dias de trabalho registados pela Caixa em folha individual, quer como rendeiros quer como trabalhadores agrícolas por conta de outrem, observando-se no que respeita aos montantes dos benefícios a tabela em vigor do regime especial de abono de família.

# FALECIMENTOS

## D. Maria Assunção Tadeu

No dia 26 de Abril último, faleceu nesta vila, com 79 anos de idade a Senhora D. Maria Assunção Tadeu, natural de Folgoso, Seia casada com o Senhor António Paiva Martins.

A saudosa extinta que há muitos anos morava nesta vila, onde gozava de geral estima, era mãe da Senhora D. Maria do Patrocínio Tadeu professora do ensino primário em Santo António das Bairradas, desta freguesia, e da Senhora D. Maria José Paiva Tadeu Martins da Costa, professora do ensino complementar nesta vila, casada com o Senhor Virgílio Henriques Martins da Costa, professor e delegado escolar no Concelho.

Também era avó da professora oficial Senhora D. Maria Assunção Tadeu Martins da Costa e do estudante universitário, Senhor José Virgílio Tadeu Martins da Costa.

O funeral que se realizou no dia seguinte para a terra de sua naturalidade, constituiu sentida manifestação de pesar. «O Norte do Distrito» apresenta condolências à família de luto.

## António Rodrigues

Deixando quatro filhos casados e quatro netos, faleceu no dia 4 do mês corrente, no lugar da Coelheira, com 99 anos de idade, o Sr. António Rodrigues, no estado de viúvo.

O simpático ancião, completaria 100 anos a 18 de Março de 1972, e conservou sempre admirável lucidez até aos últimos momentos.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério desta vila.

A família de luto apresenta-mos condolências.

### Prédio

composto de 3 moradias

### Vende-se

junto à cadeia desta vila.

Tratar com José da Silva Flora.

# Higiene é saúde

Ainda há, por mal dos nossos pecados, quem, ignorando o benefício da limpeza pessoal, doméstica ou pública para conservação da sua saúde, da de seus familiares e semelhantes e o cortejo plangente de malefícios de que aquela se faz acompanhar — sofrimentos físicos e morais dolorosos; despesas extraordinárias com medicina, cirurgia, farmácia e enfermagem que custam, como tudo, na hora actual de incerteza, instabilidade e loucura que o Mundo está vivendo, os olhos da cara, e, para as quais, não há, muitas vezes, nos orçamentos familiares, verba compensadora; salários ou vencimentos perdidos ou reduzidos precisamente, numa situação em que as despesas são maiores e, portanto, carecidos de reforço; a economia nacional e privada desfalcadas com a perda de dias de trabalho e consumo de bens e serviços que, num estado de salubridade total, eram desnecessários; as lágrimas, a orfandade, o desamparo material e espiritual dos filhos, a vivez e a saudade eterna sem linitivo sempre que a Morte se não dispensa de exercer a sua acção assustadora e cruel.

A pintura, a negro, deste quadro trágico foi-me sugerido pelo lixo — caixas de papelão plástico e lata desmanteladas; calçado velho e inútil, fragmentos de louças, copos, garrafas, tecidos, papel e madeira, cascas de laranjas, maçãs e outras frutas, desperdícios de hortaliças e legumes, espinhas, ossos e restos de comidas, terra, etc. — que de novo, se está acumulando na Calçada do Monte de Nossa Senhora, Mãe de Deus, invocada, até há poucos, sob o nome de *Madre de Deus* mas que, como o Padre Nosso, perdeu a forma espanhola *Madre* em troca da correspondente, doce e saudosa palavra portuguesa *Mãe*, pequena, é certo, no número de letras mas grande, muito grande na ideia que exprime e para que só há uma unidade de medida — o Amor maternal que é, de verdade autêntico e não fabuloso.

De facto, é desplorável e cau-

sa de desgosto que mãos inconscientes, mal avisadas ou maldosas continuem a transformar a Calçada do Monte de Nossa Senhora Mãe de Deus, numa lixeira ofensiva para os olhos e pituitárias, prejudicial para a saúde pública e que devia ser considerada vergonhosa para todos, todos, repito, nós Figueiroenses não só pelo respeito devido às nossas próprias pessoas mas também pelo que devemos ter pelos visitantes da *Menina bonita* que é a *Nossa Terra*.

Poucos dias antes da Festa extraordinária e votiva realizada, em 11 de Outubro do último ano, em honra de Nossa Senhora Mãe de Deus, um grupo de homens de boa vontade, dinamismo e amigos do bom nome e salubridade da sua e nossa Terra, tomou a iniciativa de, desinteressadamente, proceder há limpeza da Calçada, deixando-a em estado de asseio esmerado como pôde ser testemunhado pelos romeiros que, no dia festivo de de Nossa Senhora, subiram ao sacro Monte. A Câmara Municipal não faltou com a sua colaboração, pondo ao dispor do grupo a camioneta afecta aos Serviços de Limpeza Camarários para transportar para lugar conveniente, o lixo que as enxadas, pás e vassouras extraíram do pavimento da Calçada.

Por isso, não podemos deixar de lavar, nesta *Tribuna* que é «O Norte do Distrito», o nosso veemente protesto contra o procedimento, nada, louvável, das pessoas que entendem que as vias públicas são próprias para caixotes de lixo, esquecidas dos graves inconvenientes daí advindos e da consideração merecida pelo trabalho dos nossos patrícios que, tão pronta e generosamente, se ofereceram para limpar a Calçada por onde devia passar, em procissão, Nossa Senhora, no dia da Festa votiva, oportunidade que aproveitaria para abençoar aquele trabalho. E o protesto é tanto mais justo quanto é certo que o trabalho de limpeza referido não competia só ao grupo que o realizou mas a todos nós, Figueiroenses sem

A Págin 2

# A viagem ao Ultramar Português

Da Página 1

Abrunheira, Lomba da Casa, Salgueiros e Fato, à sede do concelho a que já mais queremos deixar de pertencer.»

Terminando o seu excelente discurso, o Sr. Sílvio Santos, depois de pedir ao homenageado que fosse portador do contributo dos ali reunidos para os Bombeiros, cuja meritória e humana obra enalteceu, afirmou solenemente: «Que esta nossa reunião também tenha servido para afirmar os sentimentos do Povo que representamos e contribuído para cimentar a unidade indestrutível da Pátria a que nos orgulhamos de pertencer»

O Senhor Jacinto David dos Reis, a quem o Senhor Dr. Henrique Lacerda ofereceu a presidência da reunião por ser o mais antigo dos colonos presentes, disse a certa altura da sua sentida alocução: «Acedeu V. Ex.<sup>a</sup> Senhor Presidente a este convite o que muito nos honrou.»

Bem haja pois pelo que é como dirigente dos destinos de Figueiró e por aquilo que representa neste momento: nossos parentes e amigos — a Nossa Terra!

Que esta reunião seja o primeiro passo para um convívio entre os figueiroenses residentes nesta cidade... tão longe do local onde nascemos.

Faço votos sinceros que esse convívio se estreite e que cada um nos seus labores próprios eleve mais dia a dia o nome de Figueiró.

Mais espero que V. Ex.<sup>a</sup> continue à frente da nossa Câmara, sempre de mão rija, como o tem feito, para o bem do nosso concelho.

V. Ex.<sup>a</sup> Senhor Presidente queira ser portador das nossas saudades ao bom povo da nossa terra

Muito obrigado.»

Também o Senhor Manuel Nunes dos Santos Ideias se expressou em palavras de fervoroso e são baírrismo de devotado figueiroense que é, e de sincera e indestrutível amizade que vem de longe, em relação ao ilustre magistrado administrativo ali presente e homenageado.

O Senhor Aníbal Bruno, afirmou em determinada altura de seu discurso: «Não podíamos pois ficar alheios nem de braços cruzados, porque V. Ex.<sup>a</sup> constitui um bocado da terra que me viu nascer e que foi meu berço e de mais alguns que aqui se encontram, que é a linda terra de Figueiró dos Vinhos a que V. Ex.<sup>a</sup> se dedicou de alma e coração para o seu progresso.»

Sei quanto é admirado e considerado pelo mui-digno Governador Civil de Leiria, Distrito a que pertencemos, mas essa admiração também nós a temos, porque, sem favor, V. Ex.<sup>a</sup> tem sabido com uma proficiência exemplar, trabalhosa e dedicada, conduzir os destinos do nosso concelho, fazendo melhoramentos, que até aqui eram quase impraticáveis.»

O Senhor Fernando Esteves fez uma exortação aos soldados da Paz, que naquela reunião foram justamente dignificados.

Finalmente o Sr. Dr. Lacerda, sensibilizadíssimo, no seu estilo próprio de orador distinto, enlevou a assistência com a fluência das suas palavras de agradecimento e a riqueza da sua fecundidade de ideias.

Visado pela Comissão de Censura

## Reunião de convívio na Beira

No dia 27, os figueiroenses da Beira promoveram um jantar de homenagem ao Sr. Dr. Henrique Lacerda para assinalar uma reunião de convívio em que deram conhecimento ao homenageado de avultadas importâncias angariadas para ajuda da compra de uma ambulância destinada aos Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos.

Adicionando essas ofertas ao montante já conseguido em Lourenço Marques, deve o total exceder a verba de 100 contos, que serão na maior parte transferidos directamente pelos meios legais com justa isenção de prémio de transferência.

Na sessão de homenagem em que o Sr. Dr. Lacerda ofereceu a presidência ao Sr. Carlos Feitor, o colono mais antigo, usou da palavra, o Sr. Alfredo David dos Reis, que em determinada altura afirmou: «Indo ao encontro do desejo de V. Ex.<sup>a</sup> de uma reunião de convívio com os conterrâneos, eis-nos reunidos do mesmo pensamento. Nem todos poderam vir devido a diversos motivos das suas ocupações, mas, trazendo-os no coração, somos porta-voz fiel, de quanto lhe seria grato estar com V. Ex.<sup>a</sup> e tais razões estranhas à sua vontade, impediram.»

Deles o seu afectuoso abraço e manifesto regozijo, pela felicidade desta visita.

A nossa reunião reveste-se de elevado espírito de compreensão e nela se encontram também figueiroenses por afinidade de casamento, herança ou nascidos aqui e ainda naturais dos concelhos de Pedrogão Grande, Castanheira de Pera, Ansião, Alvaiázere e ainda um de Coimbra, que pelo convívio e amizade consideramos figueiroense — o Rica, — que comungando nesta espontânea manifestação colectiva, de preito e homenagem à mais alta individualidade de Figueiró — manifestação também pessoal a V. Ex.<sup>a</sup> — concretizam o seu ideal.

De entre os figueiroenses de gema, salientamos com fervor e gratidão, a presença de Carlos Feitor, nosso convidado de honra que muito dignifica a comunidade figueiroense.»

Continuando disse: «Sr. Presidente, A figura popular e prestigiosa de V. Ex.<sup>a</sup>, a sua demonstrada capacidade administrativa e de homem que abriu sempre o seu coração bondoso a todos quantos sem distinção se lhe têm dirigido e ainda a característica de exemplar chefe de Família, patenteam-lhe no presente momento o atributo de uma grande ovação.»

Este dia é festivo e honroso; festivo porque recebemos o abraço fraternal da nossa família querida, como reputamos a presença de V. Ex.<sup>a</sup>, e honroso por ter sido o nosso Presidente um dos representantes do Distrito de Leiria, no II Colóquio dos Municípios Nacionais, recentemente realizado em Lourenço Marques.

Volvendo aos anos decorridos da nossa meninice em que me separei ficando, de uma carreira brilhante que seguiu, passo a usar termos que definam a nossa amizade.

Dr. Henrique

Com a sua vinda até nós coincidiu a recepção de uma circular emanada dos Bombeiros Volun-

tários de Figueiró, pedindo auxílio para a compra de uma ambulância.

Com vista exclusiva a facilitar aos que quisessem corresponder a tal apelo, sete indivíduos de momento, Américo dos Anjos Gomes, Manuel Monteiro Agria, Raul Assunção, Horácio Gomes, Ivo Lacerda, José Simões de Almeida, e este vosso amigo que se constituíram à mesa redonda, em comissão sem presidente, secretário, tesoureiro ou vogais e logo puzeram em prática o seu plano, munindo-se de listas para facilitar a todos a contribuição por seu intermédio. Assim com função de trabalho igual, angariaram alguns donativos que serão enviados à Corporação.»

Depois de ter afirmado que os donativos dessas listas importavam à data em cerca de 25000\$ mais informou que outras listas havia e entre elas uma do Sr. José João Nunes, do Concelho de Pedrogão Grande, que não sendo de Figueiró tem sido — disse — grande amigo dos figueiroenses.

Destacando a humanitária acção dos soldados da paz, terminou o seu discurso aludindo a próxima saída da Presidência da Câmara do Sr. Dr. Henrique Lacerda, e elogiando a sua obra em benefício do Concelho, terminou; Dr. Henrique Aceite a expressão sincera do nosso agradecimento e permita que seja mensageiro dele a Vossa Esposa, Senhora dotada de grandes virtudes, pelo que tenha influenciado no seu espírito em todos os seus actos.

Para terminar, uma calorosa salva de Palmas ao Sr. Dr. Henrique! Agora, todos a Carlos Feitor.»

O Sr. Dr. Henrique Lacerda ao agradecer mais uma vez pôs em evidência os seus dotes oratórios e a sincera comoção que lhe invadia os sentimentos por tão grande demonstração de amizade.

No próximo número continuaremos com o relato das cerimónias promovidas em Nampula.

## Não sei o que é amar

Não sei o que é amar!  
Comecei por não saber nada.  
Andei na escola  
E aprendi a soletrar.

E mais aprendi.

Fiz problemas, ditados,  
Resolvi quebrados,  
Mas nunca te encontrei a ti.

Abri livros sobre livros.  
Fórmulas, teoremas, integrais...  
E tu, autor de meus Ais,  
Nunca te vi!

Mas se eras tu, quem passou  
Mal embuçado em vestes de indiferença  
Não pude ver-te sequer  
Nem bendizer tua presença.

Não, não eras tu.  
Quando assim for,  
O olhar que desviar do teu,  
A minha mão a tremer,  
A luz que nos tocará, como pó...  
Nos bastará para dizer:  
És tu!  
E tu e eu, Amor,  
Seremos um só!

Lydia

Encomende à TIPOGRAFIA  
deste JORNAL  
os impressos que necessita

## DA CAPITAL

### Ecos da Sociedade

Em ambiente social de requintada elegância, na Capela particular da Quinta de Fornos, concelho de Azambuja, teve lugar no passado dia 1 do mês corrente o enlace matrimonial da Ex.ma Senhora D. Maria Teresa, dilecta filha da Ex.ma Senhora D. Isabel Simões de Bragança e do Senhor D. José Pedro de Bragança, com o Senhor Engenheiro Manuel Maria Simões Nunes Agria, que há dois anos concluiu brilhantemente o seu curso, extremo filho da Ex.ma Senhora D. Maria Hermínia Simões Nunes Agria, e do nosso prezado amigo e conterrâneo Senhor Manuel António da Costa Nunes Agria.

Paraninfaram o solene acto, pelo lado da noiva seus excellentíssimos pais e pelo noivo, sua avó paterna, Ex.ma Sr.<sup>a</sup> D. Maria Amélia da Costa Nunes Agria e seu avô materno Senhor Sipião Simões Figueiredo.

Após a cerimónia religiosa foi oferecido um lauto banquete aos numerosos convidados, que se contavam por muitas centenas, saindo depois os noivos em digressão nupcial.

Ao nável e distinto casal que vai fixar residência em Lisboa, «O Norte do Distrito» envia os seus sinceros e ardentes votos de felicidades.

## Frases Lapidares

Os C. T. T., principalmente na correspondência expedida na Capital, acompanham a marca do dia, de uma legenda, que tanto pode recair numa frase patriótica, anunciar um congresso, ou uma feira de amostras, lembrar efemérides, etc. E', realmente uma maneira prática e eficiente de difundir em grande dimensão à escala nacional e internacional as ideias e os factos.

Sugeriu-me estas despretenhosas linhas de aprovação e apoio, a frase adoptada na correspondência que nos últimos dias me tem chegado às mãos, e que apesar de vivermos uma época em que a vida que corre tão célere, quase não admitindo paragens, ainda me seduziu a alguns momentos de reflexão.

Diz assim a frase, que na sua síntese julgamos digna de lápide com copiosa difusão: Povo Unido = Paz e Progresso.

E' realmente dessa união de todos, mas de todos os bons portugueses que nós necessitamos. Sim, porque só com a união de todos, que não somos demais, seremos os suficientes para recupear a Paz no Ultramar e fomentar o progresso geral em toda a Nação.

Sigamos com patriótica religiosidade a doutrina da pequena legenda, rica de sentido, succulenta de portuguesismo, e a vitória final será nossa — será de Portugal.

ficial imediatamente. Não remova a vítima a não ser que o local seja inseguro. Qualquer perda de tempo pode ser fatal.

2 — Retire dentaduras, fumo, comida, lama e outros corpos estranhos da boca e garganta do acidentado, l'uxe a língua da vítima para impedir que bloqueie as vias respiratórias.

3 — Execute as manobras com regularidade e dentro do ritmo indicado.

4 — Aplique a respiração artificial ininterruptamente até que a vítima volte a respirar por si própria ou seja verificada a sua morte.

5 — Havendo imperiosa necessidade de remover o acidentado, não interrompa a respiração artificial, a qual deve continuar durante todo o trajecto.

6 — Depois da sua recuperação a vítima deve ser mantida em repouso.

7 — Afrouxe a roupa e mantenha a vítima aquecida.

8 — Não lhe dê líquidos a beber até ter a certeza de que ela está completamente consciente.

9 — Providencie cuidados médicos para o acidentado.

## Respiração artificial

Existem diversos tipos de acidente em que a vítima está sujeita a perder a respiração, como pode acontecer com os afogados, pessoas atingidas por descarga, envenenadas por gases tóxicos, engasgadas com objectos ou alimentos, etc.

Nestes casos, é necessário aplicar a respiração artificial imediatamente, para salvar a vítima.

Há vários métodos de aplicação da respiração artificial, sendo considerado o método boca a boca como o mais eficiente, razão pela qual deve ser o preferido. Não deverá ser usado, entretanto, quando a vítima apresentar ferimentos graves na boca ou nariz, ou pouco asfixiada por gases muito tóxicos. Nestes casos pode-se aplicar o método Holges Nielsen que por sua vez, é contraindicado nos casos em que haja fractura de braços ou costelas.

Em todos os casos de aplicação da respiração artificial devem ser tomados os seguintes cuidados:

1 — Aplique a respiração arti-

Assine este JORNAL

Mata de eucaliptos  
vende-se  
para as celulosas  
cerca de 5000 toneladas

Antiga mata Foz d'Alge — Figueiró dos Vinhos

Trata Manuel Simões, Feitor — Telef. 93103  
Praia do Ribatejo